

Leitão admite favoritismo de Tancredo Neves no Colégio

Expedito Filho

O ministro-chefe do gabinete civil, Leitão de Abreu, resolveu encerrar o mutismo e numa conversa, ocorrida quarta-feira à noite, na casa do deputado Alvaro Valle, revelou a dois jornalistas e a alguns frentistas que "parece que Tancredo Neves está em vantagem, mas Maluf não acha isso". Após ressaltar que "não tem a chave desse mistério", Leitão de Abreu, usando imagens de torcedor de futebol, deixou claro que considera improvável que opositoristas votem no candidato do PDS, deputado Paulo Maluf. Leitão de Abreu descartou qualquer possibilidade de intervenção militar e considerou "legítima" a posição dos liberais do PDS que votarão no candidato da Aliança Democrática, já que eles não compareceram à Convenção do PDS.

— Citando Roberto Campos, há diferenças entre opinião pública e opinião publicada. O problema é que Maluf pensa que pode passar do outro lado e se infiltrar. Isso não é tão simples. Imagine, no dia 15 de janeiro, a espera da renovação do Congresso Nacional, um elemento da oposição se levanta e vota no Maluf. É um negócio muito sério — disse.

Em seguida, lembrou que no Rio Grande do Sul, por exemplo, não se pode admitir que um gremista, numa decisão, passe a torcer para o Internacional. Isso, segundo o ministro, não acontece e a questão sucessória, tem que ser colocada neste ângulo. "O problema não é fácil", sentenciou.

Em sua análise, o ministro-chefe do Gabinete Civil salientou que o problema é que tanto Maluf quanto Tancredo acham que serão vencedores no Colégio Eleitoral. Segundo ele, "parece que Tancredo Neves está em vantagem, mas Maluf não acha isso".

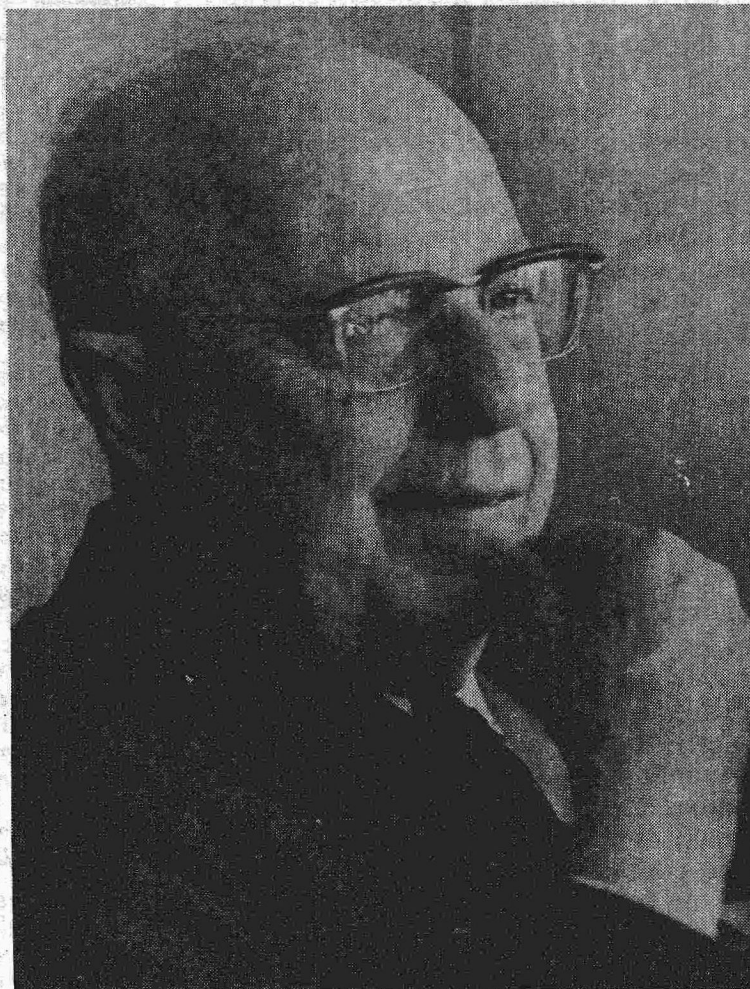
— Não tenho — disse — a chave desse mistério. Maluf é competente, hábil e inteligente. O Tancredo é competente e tem outros predicados. Como é que se val fazer alguma previsão? Não é fácil. Realisticamente, não é fácil.

Num determinado momento da conversa, o ministro ponderou que o ministro do Interior, Mário Andreazza, não foi o escolhido na Convenção do PDS porque o deputado Paulo Maluf tinha mais experiência nesse tipo de eleição. "Numa eleição indireta — observou — Tancredo corre mais risco que Maluf. Ele vai na certa".

Mas o ministro foi advertido por um parlamentar que lembrou que Tancredo também nunca perdeu. Leitão de Abreu concordou, mas argumentou que há fatores diversos e se considerou incompetente para demonstrar o que conta a favor de um e outro candidato.

Voltou a usar imagem do mundo futebolístico para salientar as dificuldades que Maluf terá para conseguir os votos na Oposição. Lembrou a velha história do técnico de futebol que faz seus palnos de gol sem levar em consideração que o adversário tem uma boa defesa para impedir que os gols aconteçam. "E o outro time, não joga?", indagou, para depois acrescentar que "os dois estão jogando".

Muito à vontade e ao lado do coordenador da Frente Liberal, Francelino Pereira, o ministro Leitão de Abreu afirmou que as duas candidaturas impedem mudanças, já que os interesse



Leitão descartou a possibilidade dos militares intervirem

criados por ambas — expressão que utilizou durante toda a conversa — cristalizaram o quadro.

Por outro lado, concordou com a opinião do deputado Alvaro Valle de que após vinte anos de regime autocrático, a eleição de Tancredo Neves para presidente da República é o máximo que a Revolução de 64 pode esperar para fazer a transição para o sistema democrático.

— É. O quadro é interessante porque Tancredo Neves é um homem de alta qualidade. Os dois (Maluf e Tancredo) estão brigando numa luta pelo poder. Nunca se viu luta pelo poder tão difícil como essa — garantiu o ministro.

O ministro desmentiu que o Palácio do Planalto tenha estipulado um prazo — até outubro — para o deputado Paulo Maluf demonstrar a sua superioridade no Colégio Eleitoral. "Isso é invenção da imprensa", ponderou.

Negou, também, qualquer possibilidade de intervenção militar no processo sucessório. Salientou que o quadro está definido e que não há qualquer possibilidade de retrocesso. Ao lembrar o dia em que se engajou na campanha do deputado Paulo Maluf, Leitão de Abreu confessou que não houve nenhum constrangimento e explicou:

— Não houve constrangimento. Se eu fui à Convenção — e eu tinha dois votos — me obriguei a aceitar o resultado democraticamente. É uma questão democrática.

Quanto aos liberais que não participaram da Convenção do PDS e agora estão filiados à candidatura de Tancredo Neves, o ministro Leitão afirmou que a posição deles é legítima. "Claro — argumentou — que compreendo os liberais que não foram à Convenção. É um direito legítimo".

Indagado se gostaria de, após a reunião do Colégio, ingressar no PLP — o partido dos liberais — Leitão de Abreu reagiu com uma frase: "Isso, eu não digo".

— Esta — argumentou, logo

em seguida — é outra questão. Sou simpático a uma reformulação partidária depois da eleição do Colégio Eleitoral. Vai ter que haver essa reformulação.

Disse que a extinção do MDB e da Arena, ocorrida com a reforma partidária engendrada pelo ministro Golbery do Couto e Silva pelo ministro Petrônio Portella, foi muito apressada. Para ele, Arena e MDB permaneceram por mais algum tempo. "Agora — enfatizou — o que há é uma heterogeneidade em todos os partidos. Precisamos é de partidos e hegemônicos".

Parlamentarismo e Diretas

A tese que mais anima o ministro Leitão de Abreu é a discussão sobre o parlamentarismo, sistema que considera ideal. Entretanto, ele não concorda com a ideia de acoplar parlamentarismo com eleições diretas.

— As eleições diretas — explicou — não se coadunam com parlamentarismo. O sistema francês, que adota diretas, é uma distorção do parlamentarismo. O cargo de presidente da República, no parlamentarismo, tem que ser suprapartidário. Quem representa o partido é o primeiro ministro.

— Parlamentarismo com Tancredo ou Figueiredo? — provocou um repórter. O ministro não se abalou e frisou que estava falando doutrinariamente. Muito animado, continuou expondo, de forma clara, as vantagens do regime político que defende.

— O parlamentarismo — explicou — fortalece os partidos políticos porque o gabinete que se forma tem que ter base congressual. Os partidos tendem a se consolidar. Já no presidencialismo isso não acontece porque o sistema é personalizado e a concentração de poder recai numa só pessoa.

O ministro disse que enquanto no presidencialismo as crises são resolvidas numa situação de força, no sistema parlamentar essas crises são facilmente solucionadas. Basta, para isso, dissolver o gabinete e o parlamento.

Culpou, mais uma vez, os "interesses criados" para mostrar por que o Congresso, apesar de considerar o parlamentarismo um sistema democrático, não aceita o parlamentarismo na forma clássica. "A aceitação — informou — só ocorre desde que não afaste as vantagens pessoais do presidencialismo".

A referência foi feita em cima do projeto de emenda constitucional do senador Jorge Bornhausen, que restabelece o parlamentarismo sem a dissolução da Câmara. Na opinião do ministro, o parlamentarismo tem que ser uma solução duradoura e não de ocasião para acabar com a crise. "Outra coisa: tem que ser acompanhado por eleições indiretas", arrematou.

Depois, falou sobre eleições diretas, mudança que, decididamente, não lhe agrada. Um pouco antes, ele tinha dito isso, numa conversa anterior, ao deputado Freitas Nobre, líder do PMDB, que fora à casa de Alvaro Valle, junto com Nelson Marchezan, para acertar o fim do 2.065.

Segundo o ministro, eleições diretas nem o candidato da Aliança Democrática Tancredo Neves deseja. Lembrando que ao estabelecer o prazo para a emenda entrar em pauta até o dia 30 de setembro, Tancredo Neves descarta a possibilidade das diretas serem aprovadas. "Ele (Tancredo) deve ter as razões dele e eu respeito porque Tancredo é um homem muito experiente. Maluf também não quer alterar nada".

O ministro também não se mostrou favorável a ideia do presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, de apresentar uma subemenda, estabelecendo diretas-já, na emenda Figueiredo, agora reapresentada pelo deputado Jorge Carone (PMDB-MG). Ao frisar que essa tática já impediu a votação da emenda no primeiro semestre, foi taxativo: "Com esperteza não se faz política".

Confidências de gabinete

Mas não pararam aí as informações do ministro Leitão de Abreu. Ele chegou até mesmo a recordar o pedido de demissão de dois liberais: Francelino Pereira — que estava ao seu lado — e do ministro Camilo Penna.

Confirmou que Francelino Pereira tinha apresentado o seu pedido de demissão muito antes da onda de caças às bruxas, patrocinada pelo presidente do PDS, Augusto Franco. Ele disse que pediu a Francelino que aguardasse e que nada revelasse sobre o pedido.

Do ex-ministro Camilo Penna relatou as suas últimas horas, dando ênfase que, ao contrário do que foi noticiado, ele não chorou na hora de entregar a carta. Somente depois, segundo Leitão, é que o ministro se moveu.

Ressaltou que Camilo Penna e o presidente Figueiredo nutriam uma verdadeira amizade e que sua saída do Governo foi muito sentida, já que ele era "muito talentoso, um dos melhores ministros da Indústria e do Comércio". Leitão de Abreu declarou que Camilo Penna condicionou a sua presença no ato de transmissão de cargo: "Só vou ao ato de transmissão de cargo se o novo ministro for...". O nome, o ministro guardou como único segredo da noite. Garante que Camilo Penna não fez nenhum comentário sobre o atual ministro da Indústria e do Comércio, Murilo Badaró.